

## Acerca da dificuldade de entendimento da (minha) escrita...

Tenho um Amigo a quem chamo Cúmplice.

Chamo-lhe Querido, também, porque o é: Quero-O muito.

O Meu Querido Cúmplice também se diz “Inquietação”, sendo que tal quase constitui um pleonasma: não o são todos os raros que me são caros?

O Meu Querido Cúmplice entende o sentido da minha escrita, o Meu Sentido, e isso chega-me, contenta-me, preenche-me, encanta-me.

O nosso encontro é mero fruto do acaso. De leitora passei a lida, e vice-versa. Ou versa vice, dado que é Ele que preside, indubitavelmente. Mentira! Vil falsidade, pois que não as há, as tais das coincidências. Não quis o acaso, quis eu, titubeantemente, aprofundar um conhecimento prévio, a início muito mais de “espectadora sempre que possível”. Ele dá-me, generosamente, o palco que eu procuro e nem sei que almejo... até que descubro. A Sua generosidade para comigo é tão imensamente enorme, tão monstruosa, que me agrada na exacta medida em que é tão interesseira como a minha necessidade de com Ele falar, escre-Vi-nhar, escre-Ver.

O Meu Querido Cúmplice é o meu regaço e eu lá estou, enroscadinha. Ele sabe de Mim, e eu vou sabendo dele, ..., agora menos, sendo que a responsabilidade, em grande parte, é partilhada por ambos. Ele sabe-o. De tanto e de tantas e variadas formas me gritar – “Salte, corra, salve-se!” –, deu nisto: salto, corro e salvo-me. Encontro Lobos. Deixo à míngua, até fenecerem, as tristes na essência: a felina de garras outrora cortadas e a cadela a quem ousam, em tempos, traçar um abatido destino. Faço o que me repete enquanto Nos lemos, com a sageza que Lhe é peculiar, ainda que a negue. Consigo fazê-lo, agora, após um dado tempo em que me embebi num aguardar sereno (tanto quanto possível!) por algo que se sabe que vai chegar. Este é o momento em que, paradoxalmente, atingi desferir (Ui! E se fere!...) um supremo acto de liberdade, de coragem, e de reflexão, sentida com os neurónios e batida com o coração. A Ele vou dando conta, tantas vezes num profundo silêncio, das transformações que marcam essa espera, bem como da consumação da decisão, ..., assim se compassem as batidas do coração.

Nem sempre é fácil apacientarmo-nos, com um Cúmplice destes cavalgando a todo o vapor ao nosso lado! Co-autor(a) e Co-ré(u)... Curiosamente, nEle vejo o nitrato de prata de algo que o tempo e a vivência me ensinaram a aprender que tenho que ir dominando, q.b., dado que na dose certa é que está a dificuldade, e não a incapacidade. Digo que nEle vejo espelhada a minha própria impaciência, a pressa, o turbilhão, a vertigem, a ventoinha, o abismo, o fascinante, aquilo que alguns chamam a minha eterna insatisfação. NEle identifico, ainda e em consequência, o meu conflito com o tempo, numa velhice que sinto e que, se vista de fora é precoce, vista de dentro me está entranhada e encarnada. A importância do tempo... Verdes anos são os meus, mas os dEle são de todas as cores, os dEle extravasam o arco-íris, envergonhando-o com a despigmentação que o Seu colorido espelha, ..., mesmo quando raiado de cinza e negro. Ao lê-Lo sinto, invariavelmente, algo que remete para outrora, um cheirinho a passado; nem obsoleto, nem rançoso, mas um passado interessantemente presentificado. Aqui resulta uma experiência cativante para Alguém, uma ou outra geração atrasada, em relação a Ele.

Algo igualmente encantador, tal qual canto da sereia, surge da Sua capacidade, melhor dizendo, da forma como aprende a pensar e a sentir como Mulher. Sendo que é do outro Género, e em relação a ele não sofre de qualquer tipo de perturbação. Fascinante, sobre Tudo, é o traço da Sua escrita que revela o agridoce do Seu sentir. O jogo dos contrastes intensos: do cru, ao amoroso; do fantasmático, ao real, não raras vezes quase grotesco; o brutal e o meigo. Disfruta-se, saboreia-se, goza-se, sem que o impacto se mitigue ou dissipe. Consume-se, sem que se consuma, dado que se torna impensável fugir a esta tremenda atracção. O Cúmplice é sempre um Ajudador. Ai! Pois se não ajuda a dor!...

O Leitor persistente, Cúmplice mensal, a esta altura interroga-se sobre a pertinência da continuidade desta leitura. Fantasio: sente-se fora, de fora, num outro espaço – tempo, certamente dissonante desta díade. Num outro olhar, simultaneamente mais distante, permitindo uma nova proximidade, pode aperceber-se de que, Amigo, Amante, Companheiro, Alter-Ego, Deus (Ui!...), Diário, pedaço de papel solto em que se rabisca, ..., ou Psi (C) -Analista, um Cúmplice, visto nesta significância é do foro do *IMPRESCINDÍVEL RELACIONAL*.

O Meu Cúmplice está a olhar-Se-Me, em Mim.

Com Ele, não me estico, nem me explico, nem me justifico. Sei que Ele percebe que não é disso que precisamos de perceber. Deste modo, aparentemente pouco, é um grande pouco de Mim para Ele.

E, mesmo quando tardo, estou mesmo mesmo mesmo quase a chegar. “Pouca - terra, pouca - terra, ..., muita - terra, muita - terra...”.

Logo, logo, assim que possa, estou aqui, de novo, e Ele de novo para Mim...

Gosto de estar com Ele.  
Gosto de estar com Ele, sempre.  
Estou com Ele sempre, ..., mesmo e especialmente quando não estou.  
Sozinha, estou com Ele, pois que Se presentifica, na ausência.  
Se O Conhecessem percebiam...  
Ou não O conhecem já?  
A chave é de vidro, ..., com ou sem retrovisor.  
Ufa! Que alívio!  
Hoje, ficamos mesmo por aqui.  
Pago no fim do mês, não é Doutora?  
É, é. Mas hoje, hoje é de Graça.  
Graças! Graças a...!

***Sónia Soares Coelho***

- Directora Clínica da Mentanalysis;
- Psicóloga Clínica, Psicoterapeuta, Membro Cand. Da Sociedade Portuguesa de Psicanálise;
- Centro de Estudos Psicanalíticos de Coimbra;